

RELAÇÕES DE GÊNERO E A DOMINAÇÃO MASCULINA NO AMBIENTE ESCOLAR¹

Autor: Janiê L. Maia²

Resumo: As diversas lutas desencadeadas pelo movimento feminista levantaram muitos questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, sociedade esta, que é patriarcal e secular em vários aspectos. Diante desse cenário, discutir e refletir sobre estas questões expõe que os papéis sexuais, enquanto construções de uma sociedade, seriam regras ou padrões estabelecidos pela mesma, definindo comportamentos, moda, relacionamentos e até mesmo, o modo de divisão no trabalho. As Ciências Sociais cunharam o conceito de gênero na década de 1970, que se refere a construção social do sexo. O conceito de gênero faz uma distinção entre os sexos da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham, nas culturas, a presença de dois sexos na natureza, ou seja, há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura. O sexo é dado pelas características biológicas: nasce-se macho ou fêmea da espécie humana. Interpretando Simone de Beauvoir, o gênero é o modo como as sociedades olham e pensam as pessoas do sexo masculino e as pessoas do sexo feminino; é a consequência do sexo numa organização social. Partindo do reconhecimento acadêmico que gênero e sexualidade devem ser objeto de estudo, pesquisa e intervenção também na escola, a construção de um debate acerca do assunto traz a luz que as diferenças entre os sexos são manipuladas e classificadas socialmente, como também se instaura os modos de reprodução cultural em forma de hierarquização entre os sexos.

Palavras-chave: Feminismo. Gênero. Escola.

Abstract: The various struggles triggered by the feminist movement raised many questions about the role of women in society, which is patriarchal and secular in several aspects. Given this scenario, discussing and reflecting on these issues exposes that sexual roles, as constructions of a society, would be rules or standards established by it, defining behaviors, fashion, relationships and even the way of division at work. The Social Sciences coined the concept of gender in the 1970s, which refers to the social construction of sex. The concept of gender distinguishes between the sexes of the human species and the characterization of male and female that accompany, in cultures, the presence of two sexes in nature, that is, there are males and females in the human species, but the quality of being man and being a woman is a condition carried out by culture. Sex is given by biological characteristics: one is born male or female of the human species. Interpreting Simone de Beauvoir, gender is the way societies look and think of male and female people; it is the consequence of sex in a social organization. Starting from the academic recognition that gender and sexuality should be the object of study, research and intervention also at school, the construction of a debate on the subject brings the light that the differences between the sexes are manipulated and classified socially, as well as the ways of establishing cultural reproduction in the form of hierarchy between the sexes.

Key-words: Feminism. Gender. School.

¹ Trabalho final apresentado no Seminário de Socialização de Práticas Didáticas e Metodológicas da Formação Continuada de Professores: Itinerários Formativos SEDUC/CODED/CED.

² Mestranda do Curso de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO da Universidade Federal do Ceará - UFC. Professora de Filosofia e Sociologia da Rede Estadual de Ensino do Ceará.

INTRODUÇÃO

Lugar de mulher é onde ela quiser? Ou o *ser* mulher tem de analisar o espaço que deve se inserir para não criar tensões nas relações sociais? As diversas lutas desencadeadas pelo movimento feminista levantaram muitos questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, sociedade esta, que é patriarcal e secular em vários aspectos. Diante desse cenário, nada acalentador, discutir e refletir sobre estas questões expõe que os papéis sexuais, enquanto construções de uma sociedade, seriam regras ou padrões estabelecidos pela mesma, definindo comportamentos, moda, relacionamentos e até mesmo, o modo de divisão no trabalho. As Ciências Sociais cunharam o conceito de gênero na década de 1970, que se refere a construção social do sexo.

O conceito de gênero faz uma distinção entre os sexos da espécie humana e a caracterização de masculino e feminino que acompanham, nas culturas, a presença de dois sexos na natureza, ou seja, há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura. A palavra sexo passa a designar especificamente a caracterização anatômica e fisiológica dos seres humanos. O sexo é dado pelas características biológicas: nasce-se macho ou fêmea da espécie humana. Interpretando Simone de Beauvoir, o gênero é o modo como as sociedades olham e pensam as pessoas do sexo masculino e as pessoas do sexo feminino; é a consequência do sexo numa organização social. Ou seja, não nascemos mulheres ou homens: tornamo-nos mulheres ou homens³. É o trabalho de elaboração simbólica que a cultura realiza sobre a diferença anátomo-fisiológica.

Deste modo, o conceito de relações de gênero, tal como vem sendo utilizada no campo das Ciências Sociais, salienta, inicialmente, o quadro cultural em que se categoriza as diferenças sexuais, não implicam no reconhecimento de uma essência masculina ou feminina, de caráter abstrato e universal, mas, diferentemente, apontam para a ordem cultural como padronização e caracterização de mulheres e homens. Ou seja, o que denominamos de homem e mulher não é o produto da sexualidade biológica, mas sim de relações sociais baseadas em distintas estruturas e microrrelações de poder.

Partindo do reconhecimento acadêmico que gênero e sexualidade devem ser objeto de estudo, pesquisa e intervenção não só academicamente, mas também no espaço escolar. Refletimos que debater gênero e sexualidade na escola é de suma importância, por entendermos

³ BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo: A Experiência Viva. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.

que a construção de um debate acerca do assunto, não só traz a luz que as diferenças entre os sexos são manipuladas e classificadas socialmente, como também se instaura os modos de reprodução cultural em forma de hierarquização entre os sexos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's⁴ corroboram essa necessidade de integrar essa discussão nos currículos escolares como um dos temas laterais que devem ser incluídos gradativamente aos conteúdos ensinados no ambiente escolar.

Dentro desse âmbito, seguimos para a perspectiva que norteará nosso projeto de pesquisa, pensamos que também é importante considerar a figura da *mulher/professora*, que na escola irá lidar com as mais complexas questões de gênero e sexualidade que surgem na sala de aula e no cotidiano da sala dos professores e gestão. No entanto, reconhecer que tais profissionais da educação sofrem discriminações de gênero ou sexistas, expõe a importância de ponderarmos sobre o conceito histórico e cultural das relações de gênero e sexualidade. Porque é dessa forma que legitimamos o campo de investigação científico sobre as mulheres/professoras, evidenciando o quão sexista pode ser um ambiente de trabalho onde o feminino sempre é pintado em nuances subordinadas.

Apesar de, nós, mulheres, já termos alcançado tantas conquistas, ainda em termos de igualdade entre os sexos, temos um longo caminho. Caminho que se faz através da luta constante, durante nosso dia a dia e principalmente nas diferentes estruturas. No espaço escolar não é diferente ouvirmos, como mulher/professora, discurso de ódio disfarçado de opinião, alguns estudantes e professores querem se valer da liberdade de expressão para destilar *piadas sexistas e machismos*. Se escondem através do argumento de que é minha opinião e que tal ponto de vista deve ser mantido, negam lutas históricas por equidade, denominam de *feminazi* professoras feministas que combatem discurso machista em sala de aula, e na sala dos professores o quadro não é diferente.

Para Djamila Ribeiro, o termo *feminazi* expõe o gigantesco abismo que existe entre conhecer o feminismo e tentar reconhecer o quanto você se beneficia do sistema opressor, perpetua e influencia o discurso de ódio:

Chamar feministas de “feminazi”, além de demonstrar uma clara ignorância histórica, corrobora com o sistema machista. Uma pessoa uma pessoa que conheci esse minimamente feminismo jamais diria tal coisa. É mais fácil xingar a colega do que admitir que se beneficia do sistema corrente. Reconhecer o privilégio de ser homem

⁴ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural/orientação sexual. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

implica mudança de atitude de comportamento, e sabemos que muitos nem sequer cogitam essa possibilidade. Invocar o conceito de igualdade abstrata quando, concretamente, é a desigualdade que se verifica é se omitir da responsabilidade de lutar por uma sociedade mais justa⁵. (RIBEIRO, 2018. p.33)

Esse processo de naturalização do machismo, vislumbra que todas as formas de intervenção são necessárias. Trabalhar para que se tenha uma formação cidadã nas escolas que discuta sobre as identidades de gênero, sexualidade, machismo e feminismo, seria fundamental no espaço escolar. Dessa forma, pautando o assunto em sala de aula e complementando com uma formação para os docentes, reivindicamos o espaço igualitário das mulheres/professoras no mesmo patamar que os homens/professores.

Deixamos claro que essa diferenciação ocorre de maneira descabida, não nos tornando pertencentes ao mesmo nível de intelectualidade quando os homens/professores discutem entre si, sem permitir espaço ou voz para as mesmas. A invisibilização do gênero feminino se faz presente em vários momentos do contexto escolar, desde a piada machista na sala dos docentes a perpetuação dessa prática com os estudantes/meninos, que desmerecem o trabalho de nós, professoras, em sala ao afirmar que “a professora de matemática não é tão capacitada quanto o professor da mesma disciplina”.

PROBLEMA DE PESQUISA

Como demonstramos com a introdução ao tema acima, este projeto de pesquisa tem por objetivo investigar as relações de poder e gênero na escola. Dessa forma, fazemos a seguinte pergunta: como o machismo nas relações docentes se reflete na prática em sala de aula? Essa é a principal questão que levanto quando penso nessa pesquisa. O objetivo central que motivou a futura pesquisa desse projeto foi problematizar as relações de gênero no contexto de uma Escola de Ensino Profissionalizante.

Por trás do conceito de ser mulher está toda uma construção social e cultural que permite a ela agir de determinado modo aceitável ou não. Ser professora nesse contexto é aceitável socialmente e desmontar este conceito demandará um esforço gigantesco, pois toda a sociedade está culturalmente influenciada para pensar que mulher cuida de criança e homem por vários motivos. Como alvo desta pesquisa, estão afirmações colhidas no contexto escolar que constituem em si uma violência simbólica, a exemplo de que algumas mulheres mereceriam ser estupradas ou de que o assédio é normal na relação de homem e mulher.

⁵ RIBEIRO, Djamila. Quem tem Medo do Feminismo Negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

As críticas da condição de opressão vividas pelas mulheres não podem ser generalizadas para todos os seres humanos, entretanto, algumas delas podem servir como base de análise sobre nossa sociedade. Uma coisa, porém, é certa o feminismo, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e o aumento considerável do seu nível de educação formal no século 20, provocaram muitas mudanças na relação entre homens e mulheres e, principalmente nas identidades de gênero. Os movimentos feministas, de certa forma, mobilizaram e despertaram muitos grupos de mulheres e homens a questionar as ideias antigas de que existe uma predisposição natural-biológica para o papel de homens e o de mulheres e de que a identidade de gênero se reduzem a duas, estáticas e pré-fixados, homem e mulher assim cumprem o papel de dar voz às mulheres invisibilizadas e aos demais gêneros que não se enquadram na normalidade socialmente reconhecida.

A entrada da mulher na educação começou a surgir com a abertura das Escolas Normais e com a abertura da educação primária para as meninas, com alguns problemas, pois ainda que as Escolas Normais femininas fossem projetadas, muitas delas não eram efetivadas e as vagas que eram disponibilizadas eram ocupadas pelas instituições religiosas ou pessoas particulares, e algumas dessas mulheres não dependiam do pai ou marido para sustentá-la. Aos poucos, famílias com alto poder aquisitivo, matriculavam suas filhas para se formar e serem boas esposas.

A ampliação da entrada das mulheres para a função de professora começa a expandir-se quando há uma ampliação das vagas para as crianças, havendo, portanto um aumento significativo das classes femininas. A abertura de outras formas de trabalho devido o crescimento industrial fizeram com que os homens buscassem novas frentes de trabalho, deixando as vagas ociosas, obrigando o Estado, que agora começa a tomar para si a responsabilidade da educação da população, a função de contratar mulheres para assumir a função de professora do primário.

A mulher como professora apenas do ensino primário, se dá pelo fator cultural de que o ser mulher deve ser mãe e tem um instinto maternal, a problemática que isso acarreta é o fato de que quando a mulher/professora passa também a ensinar o 2º grau, esse conceito maternal desaparece. Pois no âmbito do ensino médio, ouvimos que apenas os homens/professores tem moral e voz enérgica para conter a indisciplina e os ânimos mais exaltados em sala de aula.

No decorrer da escrita desse projeto, notamos que na escola profissionalizante, alguns cursos técnicos (Redes de Computadores, Edificações, etc.) são denominados comumente *cursos de homens*, o número de meninas nesses cursos predominantemente masculinos é menor. Paralelo a esse quadro, as alunas matriculadas nesses cursos são invisibilizadas

diariamente pelo machismo em sala, isso ocorre nas conversas do intervalo, ou em apresentações de seminário, quando a aluna explana sobre o conteúdo, o colega de sala a interrompe (*maninterrupting*)⁶ várias vezes, explicando a ela o que a mesma palestra (*mansplaining*)⁷.

Esses pequenos *machismos* do cotidiano escolar, alçam uma conjuntura gigantesca quando é a mulher/professora que está diante da sala, os meninos encorajados por alguns homens/professores se unem para imperar sobre a docente ressaltando ora seus atributos físicos, enquanto diminuem sua capacidade intelectual, pelo simples fato de ser mulher. Judith Butler, descreve de forma precisa esses gestos heteronormativos que acentuam a opressão.

Certamente, o campo do poder em parte estruturado pelo gesto imperializante de apropriação dialética excede e abrange o eixo da diferença sexual, oferecendo um mapa de interseções diferenciais que não podem ser sumariamente hierarquizadas, nem nos termos do aloctrismo, nem nos de qualquer outro candidato à posição de “condição primária da opressão”. Em vez de tática exclusiva das economias significantes masculinistas, a apropriação e a supressão dialéticas do Outro são uma tática entre muitas, centralmente empregada, é fato, mas não exclusivamente a serviço da expansão e da racionalização do domínio masculinista⁸. (BUTLER, 1990. p.34)

Interpretando Bourdieu⁹, a dominação masculina na escola confirma o ambiente escolar como ação reprodutora da legitimação das desigualdades. Longe de ser libertadora, a escola é conservadora e mantém a dominação dos dominantes sobre as classes populares, sendo representada como um instrumento de reforço das desigualdades e como reprodutora cultural, pois há o acesso desigual à cultura segundo a origem de classe. Essa legitimação das desigualdades nos faz pensar em outro questionamento: como quebrar a dominação masculina se ela está tão intrínseca no nosso inconsciente e nas formas mais simples de organização do pensamento, linguagem e na escola?

De abordagem qualitativa, consideramos que esta investigação é do tipo analítico descritivo, uma vez que observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis); em outras palavras, descreveremos, analisaremos e interpretaremos dados. Os

⁶ Quando um homem interrompe constantemente uma mulher, de maneira desnecessária, não permitindo que ela consiga concluir sua frase. A palavra é uma junção de “man” (homem) e “interrupting” (interrupção) e, em tradução livre, quer dizer “homens que interrompem”.

⁷ Quando um homem dedica seu tempo para explicar algo óbvio a uma mulher, de forma didática, como se ela não fosse capaz de entender. O termo é uma junção de “man” (homem) e “explaining” (explicar).

⁸ BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1990.

⁹ BOURDIER, Pierre. Escritos de Educação. 1998.

sujeitos desta pesquisa são os docentes e discentes do ensino médio, das seguintes unidades escolares: EEEP Professora Marly Ferreira Martins e EEEP Professor Antônio Valmir da Silva, ambas situadas no município de Caucaia-CE.

A escolha desses sujeitos justifica-se pelos preconceitos e as opiniões do senso comum, que têm os(as) professores(as), poderem dar fundamento aos preconceitos e opiniões aos quais os estudantes são também pessoas, sujeitos em um específico momento da vida no qual a educação escolar se insere sob o fundamento ainda iluminista de promover conhecimento e a reflexão filosófica, científica e artísticas, os quais têm objetivos diferentes, muitas vezes, diametralmente opostos em relação aos preconceitos e as opiniões do senso comum. Nesse contexto, torna-se importante conhecer as concepções de gênero e sexualidade desses professores.

O instrumento de coleta de dados consistirá na realização de entrevista e questionário com estudantes e professores, que será gravada e transcrita. Optamos por essa abordagem, pois postulamos que é através da fala que podemos conhecer as concepções, os preconceitos e opiniões que norteiam a vida de um indivíduo. Mediante a abordagem qualitativa, as falas dos sujeitos que entrevistados serão analisadas e seus conteúdos agrupados em categorias de análise.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.
- BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. 2a Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, v. único.
- BOURDIEU, Pierre. A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. Poder simbólico. 2a Ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil LTDA, 1989, v. único.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.
- RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.